

## ONDE ESTÁ A LÍNGUA PORTUGUESA EM DÍLI?

Alexandre Cohn da Silveira (PQLP/CAPES)

Christiane da Silva Dias (PQLP/CAPES)

Rosane Lorena de Brito (PQLP/CAPES)

As placas que estão nas cidades servem para muitas coisas: dar alguma informação de utilidade pública (“Hoje o banco está fechado”, “Jogue lixo somente nas lixeiras”), organizar o trânsito (“*Stop*”; “Não ultrapasse”) e fazer propaganda de algum produto ou loja (“Compre mais barato aqui”; “Restaurante Alegria”). Mas muita gente nem imagina que as placas também são o reflexo da política linguística de um país. E o que política linguística?

Um estudioso do assunto chamado Jean-Louis Calvet afirmou que política linguística é “conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social”, isto é, são as idéias que os governantes de cada país pensam para difundir, ensinar ou simplesmente normatizar o uso de uma língua (ou várias línguas) em seu país. Pode-se dizer que política linguística diz respeito aos documentos elaborados pelo governo e que de algum modo tratam da língua (ou das línguas) daquele país.

Em um território multilíngue como o Timor-Leste ao andarmos nas ruas, além de ouvir, podemos ler placas em várias línguas: tétum, português, bahasa indonésia, inglês, coreano, chinês. Essas placas foram objeto de um estudo de três professores brasileiros, apresentado na Primeira Conferência Internacional “A Produção do Conhecimento Científico em Timor-Leste”, na Universidade Nacional Timor Lorosa’e. Os professores Alexandre Silveira, Christiane Dias e Rosane Lorena explicaram quais as línguas são mais utilizadas nas placas oficiais (do governo e de organizações de cooperação internacional) e não oficiais (do comércio, por exemplo). O evento contou com a participação de professores e pesquisadores de Timor-Leste, Brasil, Portugal e Austrália.



O Prof. Mestre Alexandre Silveira, PQLP/CAPES, na apresentação da pesquisa.